



20(1):123-134
jan./jun. 1995

CULTURA, PODER, SABER: alfabetização de jovens e adultos

Renato Hilário dos Reis

RESUMO - *Cultura, Poder, Saber: Alfabetização de Jovens e Adultos.* O trabalho se propõe a estabelecer uma relação entre alfabetização de jovens e adultos, concebida enquanto ato cultural (acesso e produção de cultura), ato epistemológico (acesso e produção de saber) e ato político (acesso e exercício de poder), e suas possíveis repercussões na infra-estrutura e super-estrutura (política, ideológica e cultural) junto aos atores participantes da alfabetização (alfabetizadores, alunos e professores da Universidade de Brasília e, principalmente, alfabetizandos). O autor se baseia na práxis do *Projeto de Pesquisa-Ação: Alfabetização de Jovens e Adultos da Vila Paranoá, Brasília/DF* e tem, como eixo-norteador, os conceitos de cultura de Geertz, ideologia e contra-ideologia de Gramsci e de poder em Foucault.

Palavras-chave: *Cultura, poder, saber, alfabetização.*

ABSTRACT - *Culture, Power, Knowledge: Young People and Adults' Acquisition of Literacy.* This work aims at establishing a relation between young people and adults' acquisition of literacy and its cultural political and ideological effects on the infra and super-structures. The acquisition of literacy is here conceived as a cultural, epistemological and political act that gives access to and promotes the production of culture, knowledge and power. The author analyses this question on the light of his praxis in an action research project developed in Vila Paranoá, Brasília, Brazil. The study is mainly based on Geertz' concepts of culture, on Gramsci's concept of ideology and contra-ideology and on Foucault's concept of power.

Key-words: *Culture, power, knowledge, literacy*

Introdução

A alfabetização de jovens e adultos enquanto ato cultural (acesso e produção de cultura), ato epistemológico (acesso e geração de saber) e ato político (acesso e exercício de poder), tem repercussões infra-superestruturais-culturais-ideológicas que propedeuticamente abordo neste artigo, tendo como base o conceito de cultura em Geertz (1984), de ideologia e contra-ideologia em Gramsci (1978), poder em Foucault (1984) e a prática corrente no Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos da Vila Paranoá - Brasília - DF¹.

Neste sentido, conversava recentemente com um grupo de jovens e adultos não alfabetizados da Vila Paranoá-DF, quando um deles, o jovem Antônio Carlos disse: “Já tentei um teste para ser vendedor do Touring Club do Brasil e outro para trocador da Viação Planeta Ltda. Em um e outro, na parte de responder falando eu fui bem. Porém, não soube escrever quando solicitado. Com isso, não fui admitido. Em dois anos, foi mais uma tentativa de emprego em vão. Continuo ajudando em ‘vendinha’ de conhecido meu. Me sinto oprimido e de coração magoado. Não tenho dinheiro direito para comprar roupa, calçado, ter minhas coisas. Sinto-me preso, porque não consigo emprego. Minha cabeça é boa. Mas, sem saber escrever, não consigo emprego.” Um outro jovem, o Carlos Antônio Pires. Já é empregado no Aeroporto Internacional de Brasília. Vive, entretanto, drama semelhante ao do Antônio Carlos. São suas as palavras: “No meu emprego não consigo ir para frente. Estou vendo os meus colegas subirem, crescerem na profissão e estou ficando para trás. Fazem provas e testes e são promovidos e eu não. Preciso saber ler e escrever para ir em frente.”

O relato destes dois jovens revela o drama silencioso (pois isto não é notícia da imprensa falada e escrita) de cerca de 32 milhões de brasileiros não alfabetizados, expressando sua exclusão na participação cultural, social e econômica. Embora tenham aprendido a pensar e a tomar decisões em suas vidas, o não saber ler e escrever, os impede de serem aprovados no vestibular cultural da época, nos ritos de iniciação que a sociedade estabelece.

Excluídos e periféricos buscaram iniciativas de alfabetização similares à da Vila Paranoá, que lhes permitam o acesso a uma cultura, e a um saber que constituem um ritual qualificador e outorgador de poder ser alguém na sociedade em que vivem.

Geertz e alfabetização de jovens e adultos

Esta situação levanta a questão da importância de se alfabetizar jovens e adultos, num país com 8 milhões de crianças fora da escola. Por que não se concentrar nas crianças e esquecer os adultos, como afirmou certa vez uma autoridade educacional do governo brasileiro? Estaria por trás desta afirmação a justificativa e a legitimação de uma perigosa discriminação social, em que à

uma seleção natural poderia estar correspondendo uma seleção social em que os mais aptos permanecem e os menos aptos desaparecem? Ou é melhor recuperar a trajetória da Hominização (Geertz, 1989:59-63 e 75-83) para se descobrir que o homem é o sujeito do aprendizado permanente do australopithecino, passando pelo homo-sapiens e chegando ao homem da civilização industrial?

Nesta linha de raciocínio, a caminhada evolutiva-biológica do homem acompanha a sua trajetória evolutiva-psíquica e vice-versa, numa dimensão de unidade psíquica (Geertz, 1989:75) no homem. Embora, tendo como parâmetro a evolução biológica, o cérebro do homem tenha o mesmo tamanho de outros animais, o homem, em determinado momento, por razões e circunstâncias ainda não suficientemente esclarecidas, passou a ter um diferenciador em relação aos outros animais, caracterizado pela acentuada corticolização do seu cérebro — o que se atribui ao seu desenvolvimento cultural. Desenvolvimento este adquirido com as exigências que sua própria caminhada foi colocando à superação das necessidades de sobrevivência, comunicação, organização e regulamentação moral (Geertz, 1989:80).

Diz Geertz, que não dirigido por padrões culturais — sistemas organizados de símbolos significantes — o comportamento do homem seria virtualmente ingovernável, um simples caos de atos sem sentido e de explosões emocionais, e sua experiência não teria praticamente qualquer forma. A cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, não é apenas um ornamento da existência humana, mas, uma condição essencial para ela — a principal base de sua especificidade.

Além disso, vista como

“conjunto de mecanismos simbólicos para controle do comportamento, fontes de informação extra-somáticas, a cultura fornece o vínculo entre o que os homens são intrinsecamente capazes de se tornar e o que eles realmente se tornam um por um. Tornar-se humano é tornar-se individual e nós nos tornamos individuais (cidadãos, sujeitos políticos, RHR) sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas” (Geertz, 1989, p.64).

Assim como, historicamente, o homem deve seu avanço aos desafios que lhe foram interpostos pelo meio e o esforço de responder aos desafios, fez dele ser, na e da cultura, fruto mas também produtor de cultura, “mutatis mutandis” e sintonizando o tempo do ontem no hoje, a exigência da cultura ao alfabetizando, traz, em primeira mão, esta possibilidade de seu desenvolvimento individual, da sua humanização, do tornar-se ser de e na cultura para também ser produtor de cultura: símbolos, signos e sinais.

Na linha, pois, do raciocínio de Geertz, tanto em relação à filogênese (Gênese da espécie) quanto à ontogênese (gênese do ser), justifica-se a alfabetização de jovens e adultos, o defronto e o confronto com os padrões de exigências, com os desafios cotidianos, os quais indicam a continuidade de uma caminhada que faz e fez ao animal-homem, sobretudo **ser Humano**.

Gramsci e alfabetização de jovens e adultos

Às reflexões sob o ponto de vista geertziano, poder-se-ia acrescentar e perguntar, tendo como pressuposto o pensamento gramsciano, a alfabetização de jovens e adultos tem sentido?

Gramsci, inspirado em Marx, situa a organização da sociedade, tendo uma base econômica (infraestrutura) e a superestrutura política-ideológica-cultural, em que contribui com uma teoria ampliada do Estado, indo portanto, além de Marx.

Para Gramsci, o Estado se constitui de dois pilares entrelaçados dialeticamente: a sociedade política e a sociedade civil.

A sociedade política é constituída pelo “conjunto de mecanismos através dos quais a classe dominante detém o monopólio legal da repressão e da violência, e que se identifica com os aparelhos de coerção sob controle das burocracias executivas e policial militar. E a sociedade civil é formada precisamente pelo conjunto das organizações responsáveis pela elaboração e ou difusão de ideologias, compreendendo o sistema escolar, as igrejas, os partidos, os sindicatos, as organizações profissionais, a organização material da cultura (revistas, jornais, editoras, meios de comunicação de massa, etc) (Coutinho, 1981, p.91).

Através da sociedade civil a classe dominante elabora, articula e dissemina a ideologia justificadora e legitimadora de sua dominação, buscando com isso, o consenso e a adesão dos dominados. E via sociedade política, utilizando a coerção, a violência e a repressão, a classe dominante impõe seus interesses, eliminando as posições e reações contrárias a estes.

Creio que uma alfabetização de jovens e adultos que apesar do acesso à cultura, aos símbolos escritos, não leve em conta o interesse de classe, estaria apenas transferindo o alfabetizando de prisão. Ou seja, de “magoado”, “oprimido”, por não saber ler, escrever e ter acesso ao emprego, passaria a ser “oprimido”, “magoado”, tendo o emprego, pois seria um homem da e na cultura, mas subjugado por uma classe que se apropriando da cultura faz dela instrumento justificador-legitimador de sua própria dominação.

Nesta direção, não se justificaria não só qualquer alfabetização de jovens e adultos, mas, também a de crianças.

Mas Gramsci (1978), ao continuar e desenvolver seus estudos sobre a sociedade civil, afirma a importância desta, enquanto palco de luta, de confronto e possibilidade de se desencadear um processo de conquista que leve ao rompimento do processo de dominação ideológica de uma classe sobre outra. Isto significa que podem emergir no contexto dos organismos privados (escolas, igrejas, meios de comunicação, sindicatos, associações, organizações populares, partidos políticos) oportunidades históricas de se elaborarem, sistematizarem e, veicularem ideologias a serviço do interesse da classe dominada. Contra-ideologias portanto à ideologia da classe dominante. Diz Rouanet a respeito:

“... a sociedade civil é portanto o verdadeiro terreno da luta. É necessário atacar diretamente as ‘fortalezas’ e ‘casamatas’ da sociedade civil, a fim de romper as estruturas ideológicas que subjugam as classes subalternas” (1978, p.80-81).

A formação da contra-ideologia, acontece pois, no contexto do enfrentamento concreto e objetivo entre classe dominada e classe dominante. A este respeito nos diz Carvalho (1986, p.46):

“a elaboração da ideologia da classe dominada só se efetiva no interior da luta de classes, a partir da existência de condições objetivas. Na medida em que os grupos dominados vão se organizando na luta por suas questões no processo de enfrentamento com a classe dominante, é que vão efetivando a ruptura com essa ideologia.”

No contexto desta colocação gramsciana, a alfabetização de jovens e adultos pode ter uma conotação de construção contra-ideológica, em que o alfabetizando é um ser na, da e produtor de cultura. Além disso, ele é simultaneamente um sujeito político: um ser de poder. Um ser que influencia ou busca o poder, quer seja na ótica das micro-relações (Foucault, 1984), ou na ótica da ocupação do Estado, enquanto Sociedade Política (segundo Gramsci, 1978).

Aqui, parece, pois, ganhar sentido uma alfabetização de jovens e adultos, à medida que sinaliza com uma dupla possibilidade para o Antônio Carlos e outros não alfabetizados: libertar-se de sua opressão por não saber ler e escrever, e libertar-se de sua opressão de classe e posição de classe. Ela pode oportunizar ao alfabetizando a possibilidade de ser sujeito produtor de cultura, sujeito de conhecimento e sujeito político: aquele que acede ao poder, o influencia ou o exerce na direção que melhor interesse à sua classe.

O projeto de alfabetização de jovens e adultos da Vila Paranoá/DF

Tendo como referencial a perspectiva de um poder entendido enquanto micro-relações da convivência quotidiana das pessoas, suas relações e instituições (Foucault, 1984); a concepção de educação enquanto fenômeno superestrutural imbricado simultaneamente na infra-estrutura econômica, potencializada e contribuidora do desencadear de um processo de contra-ideologia à ideologia dominante (Gramsci, 1978 e Reis, 1988), e referenciada numa concepção de cultura enquanto resultante da intervenção histórica do homem sobre a natureza (Freire, 1974), se desenvolve o projeto de alfabetização e de formação de alfabetizadores de jovens e adultos de camadas populares na Vila Paranoá-DF. A orientação metodológica do Projeto é a da pesquisa-ação². Ocorre todas as

noites das 20 às 22 horas, e tem uma dinâmica semanal. Às sextas-feiras, há o encontro de Convivência Coletiva e Aprendizagem Recíproca — o “Fórum”. Consiste de encontro, realizado em círculo, com a participação de representantes de cada turma de alfabetizandos, alfabetizadores, dirigentes do movimento popular, alunos, professores e técnicos da UnB³. No Fórum, os atores identificam o real-concreto vivido pela população da Vila Paranoá. Escolhem e selecionam as situações-problemas-desafios⁴ que serão objeto e eixo-de-referência à organização metodológica e operativa do processo político-pedagógico da alfabetização. Escolhidas as situações-problemas-desafios, discute-se e acorda-se o melhor caminho de desenvolvê-las, em aulas que ocorrem com os alfabetizandos de segunda a quarta-feira (20-22 horas) e quinta-feira (20-21 horas). O horário de 21-22 horas de quinta-feira, é utilizado para dois tipos de reunião: a) reunião entre professores e alunos da Universidade de Brasília, grupo de alfabetizadores e dirigentes do movimento popular para se avaliar a prática alfabetizadora da semana, encaminhar as soluções possíveis ao grupo e verificar as questões para decisão do “Fórum”; b) reunião de cada turma dos alfabetizandos, para avaliar a prática alfabetizadora e fazer os encaminhamentos à discussão e apreciação do “Fórum” na sexta-feira. Após três semestres ou menos (dependendo do seu ritmo de aprendizagem o alfabetizando salta do 1º para o 2º ou 3º semestre, ou do 2º para o 3º), o alfabetizando ingressa na 3ª ou 4ª série do 1º grau da rede pública, dependendo do resultado da avaliação a que é submetido.

Algumas considerações podem ser feitas como resultado da praxis acumulada no período 1990-1994⁵ e que sinalizam com uma possível procedência da iniciativa, ao considerar a faixa etária média dos alfabetizandos (14-30 anos):

1) O exercício de falar e do ser ouvido desenvolvido pelos vários atores, principalmente pelos alfabetizandos, tem se revelado auto-transformador e grupo-transformador.

Este exercício previsto metodologicamente individual e coletivamente, na dinâmica da semana, auto-desvela e auto-revela o alfabetizando, com sua história cultural, em seu saber e sua trajetória política. Tem possibilitado a descoberta de que Eu Sou, Eu Sei e Por isso Eu Posso Ser e Saber mais.

Aqui, a palavra é carregada de significado político-cultural e epistemológico, devido ao movimento interior que ocorre com os alfabetizandos consigo mesmos e entre si, bem como dos e em relação com outros atores (alfabetizadores, dirigentes do movimento popular, alunos e professores da Universidade de Brasília).

Neste sentido, o exercício de avaliação do aprendizado (sobretudo nas aulas de segunda a quarta-feira), permite o aprendizado do confronto saber/poder entre a autoridade do alfabetizador e a afirmação do alfabetizando, com resultados de repercussão na direção política dos alfabetizandos.

Neste contexto, O Encontro de Aprendizagem Mútua e Convivência Coletiva-Fórum, realizado às sextas-feiras, constitui um dos momentos mais expressivos.

No Fórum ocorre o exercício individual e coletivo da Fala, enquanto expressão de Saber e Exercício de Poder; entre e com pessoas diferentes; em níveis de conhecimento e de autoridade diversos⁶. No Fórum o alfabetizando da experiência de excluído/marginalizado da sociedade, passa à experiência individual e coletiva de sujeito central da ação humano-epistemológica-política. A prática alfabetizadora é avaliada, a partir da ótica do alfabetizando, que é o primeiro a falar, a expressar o seu pensamento: concordando, discordando, reivindicando, influenciando e tomando decisão, no confronto do seu saber e seu poder com o poder e o saber dos outros atores. A democracia do ouvir, configura-se no diálogo entre falas, saberes, poderes e diferentes histórias e posições de cultura, classe e ideologias dos vários atores.

Tem razão Geertz (1989) quando afirma que “tornar-se humano é tornar-se individual e nos tornamos individuais sob a direção de padrões culturais, sistemas de significados historicamente criados, em torno dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas” (p.84). Neste sentido, a alfabetização de jovens e adultos é um ato de cultura e gerador de cultura, bem como é um ato contra ideológico na perspectiva do que afirmamos quanto à Gramsci, em que o alfabetizando de **oprimido silencioso** chega às vezes até ao **falastrão contumaz**. A fala e a expansão desta é seu grito de liberdade. Caso semelhante ocorreu com o Jerry. Quando me encontrei com ele, ficava no fundo da sala, pouco sociável, sem se comunicar com as pessoas, para as quais dava as costas. Ao vê-lo me espantou seu isolamento. E dentro da metodologia do projeto, foi desenvolvido um trabalho de valorização de seus saberes (como por exemplo montar um quebra-cabeças que introduzia questões de adição em matemática) e de interação com os colegas na sala de aula e das reuniões ocorridas com o Fórum. O ambiente convivencial da escola, com os procedimentos metodológicos, foram contribuindo para sua auto-descoberta de sujeito que fala, é ouvido e decide. Como ele mesmo disse: “Eu era caladão, bicho do mato, raivoso, não falava nada. Mas, com o Renato e Cleuza (alfabetizadora) fui perdendo o medo de falar, de por minhas idéias para fora, de lutar pelo que penso, de discutir com qualquer autoridade (alfabetizadoras, professores e alunos da universidade-UnB, etc) pelo que sinto e acho.” O difícil hoje é “conter” o Jerry quando começa a falar. Afinal, foram tantos anos de silêncio... Talvez não haja experiência tão forte quanto à conquista da liberdade de ser, da liberdade de falar...

2) Uma dificuldade enfrentada é a da expectativa cultural e do conceito de Educação e Escola, que leva cada novo ator, quando chega ao Projeto.

Este conceito pode ser traduzido na seguinte caracterização: a) uma sala quadrada ou retangular; b) um quadro (negro ou verde); c) um professor de pé, de costas no quadro ou de frente, expondo conhecimentos para os alunos; d) alunos sentados, um atrás do outro, em carteiras de madeira; e) a existência de uma cartilha ou livro-texto para seguir; f) a prescrição de muito dever de casa; g) a realização de muitas provas. Em suma, uma escola que pressupõe um conteúdo de conhecimento já pré-existente, um professor (sujeito) que difunde

este conhecimento e um aluno (objeto) que o consome, e que tem que provar que aprendeu através de avaliação, realizada principalmente por meio de provas.

O novo ator ao deparar com uma concepção e metodologia de Educação e Escola diferente desta, inicialmente, se sente frustrado e com a sensação de que errou de lugar. Isto se explica. Afinal foi esta, a escola em que um dia esteve e não ficou (evadiu-se ou foi expulso) ou a que a cultura habitualmente lhe passa, mesmo que nunca tenha ido a uma escola.

Entretanto, à medida que vive seu aprendizado de sujeito político-epistemológico e cultural, o novo ator tende a rever sua expectativa inicial. Por aproximações sucessivas ou mesmo saltos, o ator descobre e estabelece a diferença entre ser objeto e ser sujeito no processo de aprendizagem e os resultados que cada opção provoca. Como ponto de partida e de chegada é o contexto econômico-político-cultural vivido e enfrentado pelo alfabetizando e conjunto de alfabetizandos, os quais escolhem, elegem entre as várias situações-problema-desafio (desemprego, violência, segurança, transporte, etc) a que deve se constituir em eixo-dorsal de orientação de aprendizagem e do alfabetizando. Se coloca para os atores e particularmente para o alfabetizando, a autonomia de escolher, de decidir o próprio caminho. Isto faz do alfabetizando um cidadão que pode decidir. E decidir o que melhor lhe convém. Talvez, a 1ª oportunidade que teve em sua vida.

Este exercício de poder escolher, de eleger a situação-problema-desafio, de decidir a metodologia de seu encaminhamento, de elaborar um texto, do contexto, no contexto e para o contexto em que acontece a situação-problema-desafio, possibilita ao alfabetizando sua auto-descoberta de sujeito que vale⁷ que pensa e que tem o que dizer. À descoberta do “Eu Sou Algo”, “Não Sou Qualquer coisa”, “Eu Penso”, “Eu tenho Valor”, se junta a de que “Eu posso Ser, e Pensar em conjunto com outras pessoas”.

A dinâmica semanal do processo, a linha orientativa-pedagógica do alfabetizador oportuniza relações circulares/horizontais entre os alfabetizandos. Estes se vêem, se tocam, trocam idéias e opiniões⁸. Estas várias idéias e opiniões em torno da situação-problema-desafio, vão-se expressar em texto escrito no quadro pelo alfabetizador (quando se tratar de turma iniciante) ou no caderno pelo próprio alfabetizador (quando se tratar de turma intermediária ou concluinte). Este texto, ou estes textos, constituem a referência para as inserções de conteúdo quanto à língua portuguesa, linguagem matemática e ciências. Um caso interessante que ilustra essa descoberta do sujeito epistemológico (gerador de conhecimento) e sujeito político (que influência ou exerce o poder) aconteceu certa vez em um dos “Fóruns” do Projeto. Um alfabetizando novo reivindicava a necessidade de ter uma cartilha, porque não entendia escola sem livro e sem dever de casa. Antes que algum alfabetizador, professor ou aluno da UnB, dissesse alguma coisa, um alfabetizando de nome Francisco disse o seguinte: “O colega está enganado. Aqui nós temos livro sim. Só que o livro é produzido na nossa cabeça”.

O Francisco dizia isto, exercendo um poder político (Gramsci) de falar e esclarecer a situação e pelo fato de que o texto no processo de alfabetização é gerado pela discussão de um determinado problema enfrentado no cotidiano pela população da Vila Paranoá. Esta discussão revela um texto oral, que dependendo do nível dos alfabetizandos é escrito no quadro pela alfabetizadora ou escrito no caderno pelo próprio alfabetizando. Este ou estes textos vão constituir a referência para a inserção e descoberta de questões de língua portuguesa ou linguagem matemática.

3) O processo continua e há outra consideração importante, que é do aprendizado individual e coletivo da exercitação de contribuição à superação da situação-problema.

Ao discutir a situação-problema-desafio, o alfabetizando e conjunto de alfabetizandos discutem e encaminham, também, a solução ou soluções à sua superação. E isto a partir de uma mobilização e organização individual ou coletiva. Aqui surgem iniciativas, sob coordenação das organizações populares da Vila Paranoá, que se constituem inerentemente como componente do aprendizado do alfabetizando enquanto sujeito-político, que, simultaneamente ao acesso à leitura, escrita e cálculo está contribuindo à transformação das situações-problema-desafio enfrentados no cotidiano pelo alfabetizando e o conjunto da população da Vila Paranoá-DF. Um caso que ilustra esta questão da iniciativa individual e coletiva ocorreu recentemente com relação a uma situação-problema que serviu de discussão, ao texto oral, texto escrito, desdobramento em língua portuguesa e linguagem matemática e iniciativa política de superação. Foi a questão da violência e da segurança no Vila Paranoá.

Depois de muitos embates e discussão, chegou-se à conclusão, por sugestão e decisão dos alfabetizandos, que se deveria marcar audiência e reivindicar junto à administração regional do Paranoá a solução do problema. E lá se foram todos, sob coordenação do movimento popular, para o confronto e a pressão sobre o poder constituído.

Afinal, a formação da contra-ideologia acontece no contexto do enfrentamento concreto e objetivo entre os vários interesses que permeiam o conflito de classes.

Como disse Carvalho (1986), baseando-se em Gramsci

“a elaboração da ideologia da classe dominada só se efetiva no interior da luta de classes, a partir da existência de condições objetivas. Na medida em que os grupos dominados vão se organizando na luta por suas questões no processo de enfrentamento com a classe dominante, é que vão efetivando a ruptura com essa ideologia” (p.46).

Em suma, imerso na sua experiência de excluído-periférico político-pistemológico-econômico-cultural-intelectual-afetivo legitimado, justificado e perpetuado pela Escola tradicional (Silva:1993 e Soares:1989),o alfabetizando

vive uma experiência pedagógica-política-escolar única, em que atua como Fala Descritiva, como Fala Denunciadora, como Fala Persuasiva, como Fala de Influência Decisória, como Fala Decisória e Fala Implementativa de Decisão.

Tem razão Freire (1974 e 1974a) quando diz que ninguém educa ninguém, as pessoas é que se educam, **mediatizadas pelo mundo**. Na Vila Paranoá-DF, os alfabetizando se alfabetizam, mediatizados pela cultura em que vivem, pelo contexto econômico-político-social em que atuam, pela parceria e acordos estabelecidos entre os vários atores participantes. D. Joana, uma alfabetizanda, ilustra bem quando explicando o seu aprendizado disse:

*“Eles, que pediã para nós deseia.
Nós dissemo “nã”. Nós num sabe.
Nóis tem vergóia. Mais, eles insistirum, insistirum.
Aí, nós cumecemos. No que nós tava fazeno
O nervoso passô. E nós relaxemo.
Aí, quano o tempo acabô, eles vieram pegar os desér.
Foi quando eles pedirum e nós num entreguemo.
Nóis num tia acabado. Nóis quiria acabá.
Nóis tia qui acabá. Num é mesmo?”
(Dona Joana, apud Batista, 1993)*

Conclusão

Ao concluir pode-se dizer que a experiência de alfabetização de jovens e adultos da Vila Paranoá-DF tem sinalizado que a consideração da base cultural, permeadora da vida cotidiana do alfabetizando, é condição essencial para seu aprendizado e desenvolvimento da leitura, da escrita e do cálculo.

É também fundamental, para que o aprendizando se descubra como sujeito epistemológico, sujeito gerador de conhecimento, sujeito político, sujeito de poder e com o poder de produzir e transformar a cultura e a sociedade, à medida inclusive, que se transforma a si mesmo.

Como vimos em Geertz (1989, p.80) a cultura é produto da atividade humana e, ao mesmo tempo, se constitui o processo de desenvolvimento do ser humano. Ou consoante Vigostsky (1984), o desenvolvimento pode ser considerado como um processo de apropriação e elaboração da cultura, no sentido de que as funções psicológicas superiores são transformações internalizadas de modos sociais de interação, ressaltando o caráter e as funções de mediação do signo.

Não posso afirmar que toda alfabetização de jovens e adultos ou mesmo de crianças se justifique ou seja procedente. Mas posso sinalizar que uma alfabetização de jovens e adultos que, em sua concepção e encaminhamento metodológico, pressupõe a consideração do alfabetizando como possível ser cultural, inserido na cultura de um tempo, de uma época e de uma circunstância, que pressupõe o alfabetizando como sujeito-gnosiológico-epistemológico, sujeito

não só apropriador de conhecimento, mas gerador de conhecimento, que leva em conta o alfabetizando como sujeito político, que pode ter, influenciar e exercer o poder, das micro-relações às macro-relações, como sujeito que ama, sente, se mobiliza e se organiza. Uma alfabetização com estes pressupostos, sem dúvida, deu um passo importante, e sinaliza que tem alta relevância e sentido alfabetizar jovens e adultos. Sinaliza que vale a pena investir nos vários Antônio Carlos e Carlos Antônio da vida. Afinal eles são a razão da cultura e da própria vida.

Notas

1. O autor coordena o trabalho/projeto de pesquisa de alfabetização e formação de alfabetizadores de jovens e adultos de camadas populares, uma parceria político-pedagógica Universidade de Brasília-Faculdade de Educação e Organizações Populares da Vila Paranoá-DF.
2. A metodologia da pesquisa-ação desenvolvida tem como eixo-orientador as linhas básicas propostas por Michel Thiollent, em seu livro: *Metodologia da Pesquisa-Ação*, Cortez: São Paulo, 1985.
3. Doravante, simplesmente denominados atores.
4. Situações econômico-financeiras, sociais e culturais enfrentadas pela população da Vila Paranoá em seu dia-a-dia. Exemplo: Desemprego, Fome, Falta de Escola, Falta de Transporte, etc.
5. A alfabetização de jovens e adultos da Vila Paranoá teve início em 1987. A participação deste autor se dá a partir do 2º semestre de 1990.
6. **Os alfabetizandos** são migrantes ou filhos da zona rural; **os alfabetizadores** são moradores da Vila Paranoá, com escolarização de 2º grau e excepcionalmente de 1º grau; **os dirigentes do movimento popular** são moradores do Paranoá, com formação de 2º grau e forte militância histórica social; **os alunos da UnB** são dos últimos semestres dos cursos de pedagogia, lingüística, história, etc; **os professores da UnB** são mestres ou doutores em suas disciplinas.
7. Um dos obstáculos — dos mais graves — na alfabetização de jovens e adultos é a alta incidência de baixa-estima dos alfabetizandos, pelo fato de não saberem ler e escrever. As discriminações que enfrentam (caso do Antônio Carlos e Carlos Antônio), o não reconhecimento de suas potencialidades e qualidades como ser humano, leva o alfabetizando a se pensar, a se julgar, às vezes, como “inferior” e abaixo de todos os homens.
8. Às vezes, os alfabetizandos são vizinhos de rua. Entretanto, nunca haviam se abraçado, conversado, trocado idéias, reunido para fazer algo junto. Este caminhar oportuniza, então, a revelação e a descoberta do eu entre alfabetizandos do ser, pensar e elaborar coletivamente um conhecimento, o que é uma outra novidade. Do sujeito-epistemológico individual chega-se agora, ao sujeito-epistemológico coletivo. O alfabetizando tinha descoberto sua força como pessoa. Agora, descobre a do grupo. E neste momento, ele já terá reformulado sua expectativa inicial de educação e de escola.

Referências Bibliográficas

- BATISTA, Eugênio Estevam. A situação de uso na base de legitimação da fala, In: *I Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não Verbal*, Brasília: UnB, 3/93.
- CARVALHO, Alba Maria Pinho de. *A Questão da Transformação e o Trabalho Social*. São Paulo: Cortez Editora, 1986.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci*. Porto Alegre: LPM, 1981.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Buenos Aires: Siglo Veinteuno, 1974.
- _____. *Educação, como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: PAZ e Terra, 1974a
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção Dialética da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- PINO, Angel. *Ensinar - aprender uma situação escolar Perspectiva sócio-histórica*. S/ data. Mimeo.
- REIS, Renato Hilário. Formação um Processo de Alfabetização de Jovens e Adultos de Camadas Populares: bases político-filosofica-metodológico-administrativos: uma caminhada de desafios, encontros, documentos e superações. UnB/FE/MTC, 1992. Mimeo.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *Imaginário e Dominação*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.
- SILVA, Maria das Graças. A Formação e prática do alfabetizador: proposta de trajetória interdisciplinar. Brasília: UnB, Instituto de Psicologia, disciplina Psicologia, Escola e Sociedade, orientação: Prof. Sandra Francesca Couto de Almeida. 1993.
- SOARES, Magda. *Universidade, Cidadania e Alfabetização*. Texto apresentado na 50ª Reunião Plenária do Conselho de Reitores de Universidades Brasileiras - Belo Horizonte - Minas Gerais, 1990.
- _____. *Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento*. INEP, Brasília, 1989.
- TUNES, Elizabeth. É possível uma visão holística do desenvolvimento da criança? *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*. Ano II (2) - p.15-22.
- VYGOSTSKY, L. F. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

Renato Hilário dos Reis é professor da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Endereço para correspondência:
Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino
Faculdade de Educação/UNB
70.910-900 - Brasília - DF